

PES034 - A VERSÃO DA MÍDIA IMPRESSA ACERCA DA MULHER PARAENSE VÍTIMA DE HOMÍCIDIO POR PARCEIRO ÍNTIMO

ANDREY FERREIRA DA SILVA¹; DANIELLE LEAL SAMPAIO¹; VERA LUCIA DE AZEVEDO LIMA²; VALQUÍRIA RODRIGUES GOMES²; ALESSANDRA CARLA SANTOS DE VASCONCELOS CHAVES¹

silva.andrey1991@hotmail.com

¹Mestrado, ²Doutorado

Universidade Federal do Pará (UFPA); Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA)

Introdução: A prevalência de violência contra as mulheres é extremamente elevada. A cada 15 segundos uma mulher é agredida no Brasil, a cada 2 minutos 5 mulheres são espancadas e a cada duas horas uma é assassinada. Quase 50% das mulheres já sofreram algum tipo de violência, seja espancamento, coagida ao sexo, ou ainda sofreu alguma outra forma de abuso durante a vida por um agressor, que geralmente é membro de sua própria família, sendo que 27% das mulheres que afirmaram serem agredidas por companheiros ou ex-companheiros declararam ter sofrido agressão grave¹. A expressão máxima da violência contra a mulher é a morte. As altas e estáveis taxas de feminicídios registradas no Brasil confirmam a situação dessa problemática como um problema de Saúde Pública, tornando o homem autor de violência contra a mulher pauta de várias discussões pela repercussão na mídia devido a sensibilização popular. Além disso, a violência conjugal é de grande impotência por não distinguir nível cultural, social, econômico, raça/etnia, religião, idade ou grau de escolaridade, estabelecendo uma correspondência direta aos maiores índices de suicídio, abuso de drogas, álcool e sofrimento psíquico da mulher, repercutindo em sua saúde e na saúde da família, não apenas física e psicológica, mas especialmente na vida social e relacional **Objetivos:** Analisar como a mídia impressa expõe os casos dos homicídios de mulheres paraenses por seus parceiros íntimos no período pós criação da Lei Maria da Penha (agosto de 2006) até 2012 **Métodos:** O estudo foi do tipo exploratório, de abordagem quantitativa. Foram consultados exemplares do jornal O Liberal, publicados no período de 08 de agosto de 2006 à 31 de dezembro de 2012, sendo selecionadas como critério de inclusão notas que relatavam os homicídios de mulheres paraenses cometidos por seus parceiros íntimos. **Resultados e Discussão:** Com o número total de 104 notícias selecionadas e analisadas sobre homicídios de parceiras íntimas, contabiliza-se que as mulheres mortas por seus parceiros íntimos, 59,6% na faixa etária entre 22 e 41 anos. Essas mulheres morreram e ainda estão morrendo entre uma faixa etária produtiva de trabalho e isso interfere diretamente na sociedade devido ao cálculo do indicador de Anos Potenciais de Vida Perdidos (APVP). Esse é o mecanismo para se calcular o prejuízo social da morte, onde pesquisas realizadas mostraram que nas 15.523 mortes de mulheres pararas durante o período de 2003 a 2007 em Belém, ocasionaram uma perda de 5.459 APVP³. A Arma Branca foi o instrumento mais utilizado, com cerca de 55,77%. Estudos retratam que os instrumentos utilizados na Violência Contra a Mulher podem estar diretamente relacionados com o ambiente em que vivem. O Pará faz parte da região Amazônica, com grande parte de seus nativos habitantes de áreas na beira dos rios, ou em cidades não muito urbanizadas, onde a facilidade ao acesso a um objeto perfuro cortante e penetrante é muito maior do que a uma arma de fogo, não entrando na média geral brasileira que aponta a arma de fogo como principal instrumento para os feminicídios³. De acordo com a ocupação informada pela mídia impressa regional, 15,38% eram domésticas; 62,5% dos crimes foram praticados na residência. Em todas

as faixas etárias, o local de residência da mulher é o que decididamente prepondera nas situações de violência, com maior incidência até os 10 anos de idade, e a partir dos 40 anos da mulher. Esse dado – 68,8% dos incidentes acontecendo na residência – já permite entender que é no âmbito doméstico onde se gera a maior parte das situações de violência experimentadas pelas mulheres⁴. Nos fatores que levaram o parceiro íntimo ao ato de homicídio da mulher paraense, 26,92% o crime foi motivado pela não aceitação do fim do relacionamento. O principal motivo está relacionado ao sentimento de possessividade que o homem tem sobre a mulher com quem estava tendo uma relação íntima ao ponto de privá-la de uma vida social sem sua presença e assim matá-la. **Conclusão:** A valorização da informação educacional pela mídia impressa se torna fundamental para o estímulo ao pensamento crítico e mudança de comportamento da população. Criar estratégias e Políticas Públicas eficientes de acordo com a realidade local, e de punição ao crime, trabalhando com o homem para prevenir a violência consequentemente a morte da mulher, são ações onde o enfermeiro acaba sendo um profissional fundamental no combate a essa problemática, especialmente pela sua visão holística e sua habilidade de emponderamento, contribuindo para a saúde da população como um todo. A cultura midiática deve tomar uma dimensão mais humanizada e educativa, deixando o sensacionalismo da notícia e assim ajudando as mulheres a mudar seus conceitos e quebrar paradigmas mostrando que a Violência Contra a Mulher é algo público, é crime, ratificando a problemática como um problema de Saúde Pública⁴. Assim, o campo de estudos sobre violência contra a mulher contribui para dar visibilidade a esse fenômeno dos pontos de vista teórico, ético e político. Essas discussões não apenas produzem conhecimentos sobre o tema, mas também contribuíram e ainda contribuem com os esforços de legitimação desse fenômeno como grave problema de saúde pública e direitos humanos, que merece ser abordada a partir de uma rede de serviços que se configure em uma perspectiva interdisciplinar com ações voltadas para ambos autores envolvidos na violência, dada a complexidade do problema. DESCRITORES: VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER; JORNAIS; HOMICÍDIO.

Referências Bibliográficas:

- 1 Bianchini A. Lei Maria da Penha: Lei 11.340/2006: aspectos assistenciais, protetivos e criminais da violência de gênero. Coleção saberes monográficos. São Paulo: Saraiva; 2013.
- 2 Gomes NP, Bomfim ANA, Diniz NMF, Souza, SS, Couto, TM. Percepção dos profissionais da rede de serviços sobre o enfrentamento da violência contra a mulher. Rio de Janeiro. Rev de Enf. [periódico online]. 2012. [Acessado em: 30 jun. 2013]; 20(2): 173-8. Disponível em: <http://www.facenf.uerj.br/v20n2/v20n2a06.pdf>
- 3 Lima VLA. Violência contra mulheres pararas: contribuições para Enfermagem. [Tese de Doutorado em Enfermagem]. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina; 2009. 233p
- 4 Waiselfisz JJ. Mapa da violência 2012 – Atualização: Homicídios de mulheres no Brasil. São Paulo: Instituto Sangari; 2012